

NO CAMINHO PARA A HOSPITALIDADE

Guia metodológico para docentes



Campanha pela
Hospitalidade



NO CAMINHO PARA A HOSPITALIDADE

Guia metodológico para docentes

Campanha pela Hospitalidade



© SJRLAC – 2015

Serviço Jesuíta aos Refugiados América Latina e Caribe

Carrera 25 No. 39 -79, Bogotá, Colômbia.

Telefone: +57 (1) 331 4560

Campanha pela Hospitalidade da Rede Jesuíta com Migrantes na América Latina e Caribe

www.campanaporlahospitalidad.com

www.facebook.com/porlahospitalidad

“No caminho para a hospitalidade” – Vol. 3: Guia metodológico

Autor: David Ruiz Varela

Revisão técnica e edição: Yenifer López Ramos y Sabina Barone

Tradução ao Português: Constanza Solórzano

Design e diagramação: Lucía Borjas

Introdução: A hospitalidade, por quê e para o quê?	7
Etapa I	
Preparando a bagagem (identidade e diversidade)	11
Para aprofundar	15
Etapa II	
Para caminhar junto com outras pessoas	16
Para aprofundar	20
Etapa III	
Em uma história que nos une	22
(a mobilidade humana e suas causas)	26
Para aprofundar	29
Etapa IV	
Indo para o encontro	30
Para aprofundar	34



NO CAMINHO PARA A HOSPITALIDADE

Introdução: A hospitalidade, por quê e para o quê?

A hospitalidade é “um valor profundamente humano e cristão que reconhece o clamor do outro, não porque ele ou ela seja um membro de minha família, minha comunidade, minha raça ou minha crença, mas, simplesmente, porque ele ou ela é um ser humano que merece acolhimento e respeito.

P. Adolfo Nicolás SJ, Carta ao JRS de 14/11/2010

*No 30 aniversário da fundação do JRS pelo
P. Pedro Arrupe SJ.*

No mundo, atualmente, tem mais de 230 milhões de pessoas que não moram no país de origem. São pessoas que, em algum momento da vida, estão ou estiveram em movimento. As razões que levaram essas pessoas a deixarem os países e lares são muito diversas: de condições econômicas adversas e a procura de novas fontes de renda para suas famílias, até conflitos, violência política ou de quadrilhas, ou desastres naturais.¹

Abandonar o lar de origem não é fácil: implica se afastar das amizades e dos relacionamentos cotidianos, dos lugares e dos costumes que amamos, tudo que é conhecido para nós. Implica caminhar para o desconhecido, procurar mais uma vez um lugar onde instalar-se, identificar-se, crescer e conseguir viver com dignidade. Esse processo todo implica um grande caminho de transformação pessoal, comunitária e social.

- Nós conhecemos a realidade dessas pessoas, seus desejos, lutas e necessidades?
- Nós sabemos se em nossas comunidades seus direitos são respeitados?
- Nós percebemos como estas pessoas enriquecem as nossas sociedades?
- Como podemos nos aproximar e nos acolher mutuamente?

¹ Ver o documento inspirativo da **Campanha pela Hospitalidade** da Rede Jesuíta com Migrantes (2014) “Fui extranjero y me acogiste” (fui estrangeiro e você me acolheu). Por una cultura de la hospitalidad Latinoamérica y el Caribe, no blog da campanha: <http://bit.ly/1ChyFOP>

O material didático que você tem em suas mãos integra parte da **Campanha pela Hospitalidade** da Rede Jesuíta com Migrantes da América Latina e Caribe (RJM LAC) e das organizações que a copatrocinam.²

O objetivo da campanha é que crianças, jovens e adolescentes:

- Reconheçam a realidade das pessoas em situação de migração forçada, refúgio e deslocamento;
- Descubram a riqueza que implica a diversidade cultural e a interculturalidade;
- Se comprometam em acolher e respeitar todas as pessoas;
- Defendam a dignidade e os direitos das pessoas estrangeiras e em situação de migração forçada, refúgio ou deslocamento.

OS GUIAS DE ATIVIDADES

Para conseguir tais objetivos, os dois guias de atividades propõem uma viagem que implica um processo de transformação que vai conduzir, ao longo de diferentes etapas, para um destino comum: a *hospitalidade*; o lugar de encontro entre as pessoas onde a diversidade é fonte de enriquecimento mútuo e onde se pode viver em confiança, aceitação recíproca e respeito, com conhecimento das outras culturas³.

Os guias de atividades são estruturados ao redor das seguintes etapas:

1. **Preparando a bagagem (identidade e diversidade)**
2. **Para caminhar junto com outras pessoas**
3. **Em uma história que nos une (a mobilidade humana e suas causas)**
4. **Indo para o encontro**

Os nomes das quatro etapas constroem entre si uma frase que explica o significado global do caminho: **Preparando a bagagem para caminhar junto com outras pessoas em uma história que nos une indo para o encontro**. Esta conexão deixa manifesta a

2 Em novembro de 2014 as organizações ou redes copatrocinadoras são: o Serviço Jesuíta aos Refugiados Latino-americanos e do Caribe (SJR LAC), a Associação Latino-americana de Emisoras Radiofônicas (ALER), a Pastoral Social de Cáritas Latina (AUSJAL), a Comunidade de Vida Cristã (CVX), a Federação Internacional de Fé e Alegria (FIFyA), a Federação Latino-americana e do Caribe de Colégios Jesuítas e Inacianos (FLACSI), a Confederação Latino-americana de Centros Inacianos de Espiritualidade (CLACIES), o Setor de Paróquias SJ da América Latina. Esperamos a campanha continuar crescendo e contar com mais copatrocinadores ao longo de 2015. .

3 Red Jesuita con Migrantes (2012) Acoger al forastero: la hospitalidade (Acolher o forasteiro: a hospitalidade); em <http://bit.ly/1ChzfMz> (acessado em: 10/09/2014).

recomendação de seguir a ordem das etapas e das atividades que estão propostas neste guia.

A viagem como fonte de um processo de transformação pessoal e social, é o principal fio condutor dos dois guias de atividades. No entanto tem um segundo fio condutor que é desenvolvido ao longo da viagem e que é igualmente importante: trata-se **da dinâmica “umas mãos hospitaleiras”**. Ao finalizar cada etapa, certo tempo é outorgado para que cada participante possa resumir, avaliar e se apropriar do experimentado, partindo de diversas dimensões: a cognitiva e a emocional, a identidade e os valores, a ação e o compromisso.

Para saber como concluir essa dinâmica, siga as orientações detalhadas e as indicações específicas que estão na introdução e no final de cada etapa dos dois guias de atividades.

ESTE GUIA METODOLÓGICO

Este documento está direcionado especialmente para as educadoras e os educadores que vão propor e acompanhar o caminho para a hospitalidade. O propósito é aprofundar as noções chave que estão em jogo em cada etapa, para facilitar o desenvolvimento adequado das mesmas, a avaliação de como está avançando o grupo e a possibilidade de fazer ajustes no caminho.

Assim, para cada etapa é apresentado um quadro que detalha:

1. Os objetivos da etapa
2. As competências básicas a serem treinadas
3. Os valores e as atitudes a serem praticadas
4. As noções centrais
5. Os procedimentos metodológicos
6. Os critérios para a avaliação

Além disso, se reflete sobre as noções centrais em jogo na etapa e são oferecidas referências bibliográficas para continuar a aprofundar no conhecimento.

É importante destacar que o caminho para a hospitalidade requer a educadora e/ou o educador se implicar pessoalmente, se sintonizar com o valor da hospitalidade e com o compromisso social que requer; assim como estar disposto a se deixar transformar com vistas a contribuir para renovar o entorno.

Tomara os guias e este documento contribuam de maneira eficaz para tornar nossas salas de aula, os centros educativos, as associações e as comunidades em lugares de acolhimento, respeito e convivência harmônica entre todas as pessoas, além do lugar de origem e da cor da pele, valorizando as diferenças como riqueza.

ETAPA 1. PREPARANDO A BAGAGEM (IDENTIDADE E DIVERSIDADE)

OBJETIVOS	COMPETÊNCIAS	VALORES E ATITUDES
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhecer a diversidade como uma riqueza e uma oportunidade para crescer e aprender. ▪ Fortalecer a autoestima e a identidade para valorizar as outras pessoas como únicas e diferentes, sem preconceito, medos ou concorrências. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Habilidade para expressar e interpretar os pensamentos, os sentimentos, as opiniões, as vivências e os fatos de forma oral e escrita; contribuindo com a criação de uma imagem pessoal positiva e fomentando relações de respeito com as outras pessoas. ▪ Consciência dos valores e atitudes pessoais necessários para valorizar e apreciar as pessoas que moram em nosso entorno apesar das diferenças. ▪ Capacidade para se comprometer com que o respeito e o acolhimento sejam possíveis no ambiente. ▪ Valorizar as outras pessoas, reconhecendo o que cada uma dá, demonstrando um critério de juízo independente das opiniões das outras pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Valorização positiva de si mesmo (autoestima) ▪ Valorização positiva das outras pessoas ▪ Respeito pelas outras pessoas e as suas diferenças. ▪ Atitudes de diálogo, escuta e negociação para chegar a acordos. ▪ Compromisso com a convivência.
NOÇÕES CENTRAIS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Identidade pessoal: somos únicos. ▪ Diversidade: somos diferentes. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Trabalhar em equipe. ▪ Treinar habilidades sociais: expressar as ideias e os sentimentos, mostrar o acordo e o desacordo, escutar. ▪ Elaborar definições de maneira reflexiva. ▪ Redigir textos ▪ Participar de debates ▪ Identificar características pessoais próprias, das outras pessoas e das equipes. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Se reconhece e valoriza a si mesmo/a como uma pessoa única. ▪ Reconhece e valoriza as outras pessoas como únicas e diferentes; valorizando o enriquecimento e o aprendizagem que as diferenças trazem. ▪ Identifica e descreve atitudes negativas e positivas diante das diferenças. ▪ Manifesta atitudes de respeito, escuta ativa e empatia nos relacionamentos com as outras pessoas.

Os conceitos chave desta primeira etapa do caminho são: a **identidade** e a **diversidade (unicidade)**

Em todo processo educativo é fundamental começar por quem nós somos e como somos. O ponto de partida do caminho para a hospitalidade requer se reconhecer e se valorizar em relação harmônica com as outras pessoas. Para isto, se propõe trabalhar a identidade pessoal vinculando-a desde o começo ao conceito de diversidade, encaminhando o processo a descobrir o que valorizamos de nós, tomando consciência de que não somos pessoas idênticas às outras, e sim únicas e diferentes.

O conceito de identidade pessoal implica, tal como é definido pelo Dicionário da Real Academia Espanhola, “o conjunto de caracteres próprios de uma pessoa, que a caracteriza diante das outras pessoas, assim como a consciência que uma pessoa tem de si mesma como diferente”. É importante fomentar que cada pessoa **se reconheça de maneira realista**, tomando consciência das próprias fortalezas e também das debilidades, as virtudes e os defeitos para evitar os dois extremos: o da **sobrevalorização** de si mesma (“identidade inflada” ou “vaidosa”) e o da **subestimação** (“identidade empequenecida” ou “encolhida”) que distorcem e pioram as relações com as outras pessoas.

Reconhecer de maneira construtiva os interesses e os limites pessoais também nos permite reconhecer que as outras pessoas nos complementam e enriquecem através de suas diferenças. É preciso destacar que os seres humanos não somos apenas diferentes, mas **únicos**: não existe pessoa nenhuma que seja igual a outra e nisso está o valor de cada uma.

A primeira atividade sobre o arco-íris e as cores (“Somos harmonia de cores” no guia para o ensino básico e “A riqueza da diversidade” no guia para o ensino médio) busca cada pessoa descobrir como ela é, quais são as diferenças que a fazem única e principalmente descobrir que, embora sendo diferentes, todas as pessoas enriquecemos as outras, a partir das diferenças contribuimos com o conjunto (da mesma forma que cada cor unida às outras forma o arco-íris).

Partindo dessas premissas, o resto das atividades propõe outras duas tomadas de consciência:

- **Se sentir reconhecido e valorizado** (por ser uma pessoa única e diferente às outras) como base para a **autoestima e a identidade** (atividade “Quero me conhecer. Quero te conhecer” no guia para ensino básico e “Reconhecer o outro: “Eu sou único... E eu também!” no guia de ensino médio).
- **Reconhecer e valorizar as outras pessoas** como diferentes de mim e também como únicas (atividades “Iguais e diferentes” no ensino básico e “Quem é diferente? Somos diversos” no ensino médio)

Por meio destas atividades se pretende melhorar a **autoestima**, a qual pode ser definida como o sentimento de valia, de confiança e de respeito por si mesmo.

“A autoestima está ligada intimamente com o desenvolvimento da responsabilidade pessoal, com a manutenção da boa saúde e com a prosocialidade. Quanto mais sadia é a autoestima de qualquer pessoa, mais preparada vai estar para encarar os problemas e as dificuldades, para estabelecer com os outros relacionamentos enriquecedores e para serem pessoas generosas, respeitadas e benévolas”⁴.

As atividades estão pensadas para as e os participantes compartilharem o que valorizam de si mesmos e também dos colegas. Isto ajuda a descobrir aquilo que é próprio e enriquece as outras pessoas, assim como a potencializar a própria autoestima, sem desvalorizar a valia dos outros. Esse momento da atividade é muito importante e é fundamental todas as pessoas se sentirem valorizadas. Para isto é preciso cuidar que uma dinâmica de respeito e empatia seja desenvolvida, evitando assim que os e as participantes fiquem em comentários superficiais ou repetidos. No início pode ajudar oferecer uma ampla lista de qualidades, atitudes e sentimentos que facilite identificar o que cada pessoa valoriza e aprende da outra. Além disso, é importante concluir a atividade com uma salva de palmas ou com um gesto simbólico e afetivo que permita perceber o assertivo em se dizer as coisas positivas mutuamente e o bom que a gente se sente quando descobrimos que somos valorizados.

Para finalizar, a etapa conclui abordando algumas reações possíveis diante da diversidade, explorando o que pode nos acontecer, o que podemos sentir ou fazer quando nos encontramos diante de pessoas diferentes. Aqui começa o trabalho sobre algumas atitudes fundamentais, que estarão presentes de forma transversal, ao longo de todo o caminho para a hospitalidade: a escuta, o respeito e o diálogo. Atividades específicas para trabalhar essas atitudes não são propostas, no entanto, é importante velar por que sejam levadas à prática em todo momento. Com esse fim, pode se dialogar e definir conjuntamente algumas disposições e princípios que são indispensáveis para levar à prática a escuta, o respeito e o diálogo; fomentando que sejam exercitadas no grupo.

Para melhorar a escuta

- Compreender que nós não somos os únicos a falar, ou seja, devemos deixar falar sem anteciparmo-nos ao que as outras pessoas vão nos dizer.
- Não interromper quando outra pessoa estiver falando.
- Consideração e gentileza.

4 MARÍA ARAUJO, P. (2014) “Habilidades democráticas. Capacidades sociales y afectivas” (Habilidades democráticas. Capacidades sociais e afetivas). Campaña por la Educación, Madrid: <http://www.cme-espana.org/publicaciones>

- Entender a escuta como parte ativa do processo de comunicação: nós não devemos apenas escutar, mas demonstrar para a outra pessoa que queremos escutá-la, com mensagens não verbais como assentir com a cabeça, o olhar centrado na pessoa que fala...
- Aprender a escutar entrelinhas: tem a mesma importância captar o que uma mensagem diz quanto aquilo que não diz.
- Evitar adotar uma atitude hostil ou emocional enquanto se escuta outra pessoa: isso iria impedir nós entendermos o que ela diz, e pode fazer com que não se sinta escutada ou confortável.
- Aprender a evitar as distrações.
- Quando uma pessoa tem um problema é justamente quando devemos escutá-la com maior interesse e proximidade, pois essa pessoa precisa sentir-se compreendida.

Para pôr o respeito em prática

1. Trate todas as pessoas como você gostaria de ser tratado.
2. Escute mais do que você fala.
3. Escute todas as opiniões, embora estas sejam diferentes das suas.
4. Use as “palavras mágicas”: por favor, obrigado e perdão.
5. Não grite nem se expresse de forma depreciativa ou abusiva.
6. Cuide suas palavras, elas têm impacto nas outras pessoas.
7. Seja generoso reconhecendo o valor das outras pessoas.
8. Não condene nem julgue.
9. Seja fiel aos fatos, não manipule a verdade.

Para um diálogo bom

- Respeitar a pessoa que esta falando.
- Falar num tom de voz adequado.
- Não falar ao mesmo tempo que as outras pessoas.
- Saber escutar antes de responder.
- Pensar no que as outras pessoas estão dizendo
- Admitir as opiniões diferentes.

PARA APROFUNDAR

- DIE, L. (coord.) (2012) *Aprendiendo a ser iguales. Manual de Educación Intercultural*, CEI-MIGRA, Valencia: <http://bit.ly/1bWlrZG>
- MARÍA ARAUJO, P. (2014) *Habilidades democráticas. Capacidades sociales y afectivas*. Campaña Mundial por la Educación, Madrid: <http://bit.ly/1z8gwkg>
- UNESCO (2005) *Diversidad cultural. Materiales para la formación docente y el trabajo de aula*, Santiago de Chile: <http://bit.ly/1DcoVC6>

ETAPA 2. PARA CAMINHAR JUNTO COM OUTRAS PESSOAS

OBJETIVOS	COMPETÊNCIAS	VALORES E ATITUDES
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Valorizar a convivência na tomada de decisões assim como na resolução dos conflitos. ▪ Aprender a identificar as dificuldades que surgem ao conviver com outras pessoas e como superá-las; apreciando a identidade cultural tanto própria quanto alheia. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ser capaz de aceitar as diferenças: respeitar as crenças, as opiniões e a história pessoal e coletiva das outras pessoas, buscando compreender aquelas diferenças e considerá-las como uma riqueza. ▪ Se relacionar, cooperar e trabalhar em equipe, expressando as próprias ideias e escutando as alheias. ▪ Ser capaz de se comunicar e se expressar com outras pessoas para que sejam estabelecidas relações construtivas e de confiança mútua. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhecimento da diversidade de culturas e da igualdade de direitos entre elas. ▪ Disposição para aceitar todas as pessoas da equipe. ▪ Capacidade de diálogo. ▪ Disposição para a negociação com o fim de chegar em acordos e solucionar os possíveis conflitos, em proveito da boa convivência. ▪ Colaboração nas atividades de equipe. ▪ Respeito pelas opiniões e os pontos de vista diferentes ao próprio.
NOÇÕES CENTRAIS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cultura ▪ Convivência ▪ Padrões de convivência cultural: negação, inibição, exclusão, marginalização, assimilação, alienação, multiculturalismo, interculturalidade. ▪ As dificuldades e as oportunidades na convivência. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Análise das atitudes pessoais e da equipe. ▪ Trabalho em equipe. ▪ Expressão dos sentimentos ▪ Desenhar e brincar ▪ Análise dos textos e das definições. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Se esforça em melhorar os relacionamentos com as e os colegas. ▪ Utiliza as habilidades sociais: respeita e leva à prática as normas combinadas para proteger os valores fundamentais da convivência. ▪ Reflete de forma crítica sobre os próprios atos. ▪ Reconhece as situações que atrapalham a convivência. ▪ Desenvolve atitudes responsáveis que contribuem com a melhoria da convivência. ▪ Participa com respeito e valorizando as diferenças.

Conviver é a noção fundamental da segunda etapa do caminho para a hospitalidade: as pessoas são seres sociais e não vivem de forma isolada, pelo contrário, vivem com outras pessoas, com a família, os amigos e amigas, os vizinhos e vizinhas... Ao longo de toda essa etapa é importante promover a compreensão de que as pessoas precisam umas das outras, que conviver é um aprendizado constante, que tem vantagens e desvantagens, e que é preciso respeitar critérios básicos de convivência, sustentados no respeito e no reconhecimento dos direitos fundamentais de todas as pessoas.

Como indicado na primeira etapa, as pessoas são únicas, enquanto os grupos de pessoas, são diferentes. Agora o objetivo é o de aprofundar nessa diversidade e perceber como nós estabelecemos nossas relações ao vivermos com as outras pessoas, analisar nossas atitudes de maneira crítica, perguntar-nos por que atuamos de uma maneira ou de outra e conseguir valorizar a convivência; compreendendo as dificuldades que ela traz, mas, principalmente, encontrando as oportunidades.

Esta etapa é apresentada de forma diferente para o ensino básico e para o ensino médio. São trabalhados os mesmos conceitos, no entanto, de maneira mais lúdica para as crianças e de maneira refletiva e com maior conceptualização para jovens e adolescentes.

No **guia para as crianças em idade de ensino básico** é proposto descobrir o comum através da diversidade. Se pretende que as crianças percebam que, apesar das diferenças de visual, de gostos, de origem, de cultura, de povo, todos e todas sentem, ficam contentes, ficam tristes, se preocupam com coisas muito parecidas ou mesmo iguais.

Esta ideia é abordada na primeira atividade “As crianças do mundo: Meu coração é igual ao seu”: ocasião para aprofundar nas diferenças tratadas na primeira etapa através de características culturais (comida, vestimenta, linguagem...), promovendo o respeito pela diversidade humana e, ao mesmo tempo, descobrindo que existe um espaço comum, que as diferenças não tornam impossível a compreensão nem muito menos estimar o outro.

Se o grupo tiver pessoas que vêm de diferentes regiões, países, ou pertencem a grupos culturais diversos, é o momento de aproveitar o contexto e incitar a cada pessoa para contar de onde ela vem, explicar alguma tradição cultural, como celebra determinadas festas, como são ditas na sua linguagem certas palavras... Fazer com que as crianças sejam conscientes de que, em lugares diferentes, existem diversas maneiras de viver e entender o mundo, e que cada uma delas tem valor. Além disso, o exercício revela a similitude de sentimentos, desejos e necessidades que as pessoas têm além das diferenças.

É um bom momento para introduzir a noção de direito humano: todas as pessoas são iguais em dignidade e têm direito ao respeito de seus direitos fundamentais: à vida, à integridade física, à liberdade de opinião e crença, à educação, à saúde... O guia propõe transmitir esta ideia de forma geral, portanto, não aprofunda nos aspectos específicos, históricos ou técnicos dos direitos humanos. Determinar se é preciso aprofundar nos direitos humanos e como fazê-lo é deixado ao critério do (a) educador. Na bibliografia desta etapa vocês encontrarão alguns textos e vídeos de apoio. Além disso, tem vasto material explicativo na internet e no youtube.

A atividade subsequente: “Vamos conviver brincando!” permite tomar consciência de maneira lúdica através dos jogos dos diferentes países, das atitudes indispensáveis para a convivência (a escuta, o respeito, a colaboração, o diálogo, a mediação, a resolução pacífica dos conflitos...) e além disso, permite também continuar aprofundando na constatação das diferenças e da igualdade, tema abordado na primeira atividade.

A última atividade “Nem sempre conviver é fácil” ajuda a reconhecer as dificuldades que surgem nos relacionamentos interpessoais e/ou sociais, para procurar estratégias a fim de superá-las ou pelo menos, controlá-las. É essencial que as crianças possam entender que as dificuldades não são obstáculos definitivos, e que existem maneiras para serem abordadas conjuntamente. Por isso, a dinâmica conclui com um exercício coletivo de construção de normas de convivência.

É importante que essas normas sejam eleitas de comum acordo para ninguém as perceber como imposições, e que funcionem como referência durante todas as atividades subsequentes. No entanto, sempre como um convite para melhorar, sem fiscalizar as pessoas ou gerar culpabilidades, crítica ou censura.

No **guia para adolescentes e jovens em idade de ensino médio** são propostos os conceitos de cultura, diversidade cultural e os padrões de convivência; portanto, é uma etapa que demanda certo esforço de reflexão e apropriação de noções relativamente complexas. A primeira atividade “Eu sou, Você é, Ele é, Nós somos... Eu sou, você sou, ele sou, nós sou... múltiplas Identidades” propõe alguns textos para a leitura e o debate com vistas a construir uma compreensão comum da noção de cultura e sucessivamente resgatar a própria experiência pessoal, familiar e comunitária.

O objetivo desta atividade é gerar a compreensão de que as culturas são abertas, mudam constantemente e que toda pessoa pertence a mais de uma cultura ao mesmo tempo (por exemplo: a local/regional, a nacional, a tradicional da minha família e a moderna de meu círculo de amigos, etc.). É por isto que se diz que as pessoas têm “múltiplas identidades” e cada uma constrói uma síntese pessoal com muitos elementos culturais, sem isto significar necessariamente, que exista confusão ou perda de identidade. Por estas razões, as pessoas de culturas diferentes não são uma “ameaça” para a “pureza” de uma cultura, pois as culturas tem se misturado, diferenciado e misturado de novo desde as origens da humanidade. Falar de “pureza de uma cultura” é mais um mito sem fundamentação histórica.

Para uma compreensão desta orientação, se recomendam dois textos da coleção “*Formación de Educadores Populares*” da Fé e Alegria:

- ALBO, X. (2003) *Cultura, interculturalidad, inculturación*, colección ‘Formación de Educadores Populares’, Federação Internacional de Fé e Alegria.
<http://www.feyalegria.org/es/biblioteca/folleto-4-cultura>
<http://goo.gl/nviue1>

- AMODIO, E. (2003) *La globalización: formas, consecuencias y desafíos, colección 'Formación de Educadores Populares'*, Federação Internacional de Fé e Alegria.
<http://bit.ly/1wEJXoh>

A atividade subsequente “Vamos conviver! Padrões de convivência” serve para descobrir que as sociedades tem convivido de maneiras diferentes ao longo da história e que, infelizmente, algumas formas de fazê-lo nem poderiam ser classificadas como convivência, pois têm implicado a exclusão, a marginalização ou até a negação de alguns grupos de pessoas.

É preciso mostrar os inconvenientes e a injustiça que implicam alguns padres, assim como as vantagens e/ou os equívocos de outros. Não existe um padrão de convivência perfeito, no entanto, o modelo intercultural e o multicultural são definitivamente mais respeitosos e igualitários do que o modelo de exclusão ou de assimilação. É momento de valorizar as oportunidades que uma boa convivência com as outras pessoas tras, e estabelecer alguns critérios de convivência para o grupo mesmo ou para a comunidade local.

A última atividade “Quando existe confiança! Dificuldades na convivência” aprofunda nas experiências pessoais de convivência para depois olhar para o entorno. A reflexão sobre os padrões realizada na atividade anterior deve permitir olhar de maneira inovadora o próprio contexto e realizar uma leitura crítica da realidade. Com este fim, se propõe consultar às pessoas da escola, da comunidade ou do bairro sobre como elas percebem a convivência, e desta forma, refletir sobre como a mesma poderia melhorar. Desenhar um questionário simples, desenvolvê-lo na escola ou sair para a rua e perguntar para as outras pessoas a sua opinião, e depois voltar para as famílias ou para diretoria com a realidade encontrada e com propostas ou critérios para a melhora. Esperamos que este desafio estimule e ative as e os adolescentes.

Assim que o grupo tenha constatado a necessidade de critérios de boa convivência, é possível ligar a noção dos direitos humanos e dar como exemplo a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), enquadrada historicamente no momento sucessivo à Segunda Guerra Mundial, quando a convivência entre os povos tinha sido quebrada e situações extremas de abusos contra os seres humanos tinham acontecido.

Encaminhamos para a bibliografia, que contém alguns recursos educativos sobre este tema dentre os muitos disponíveis na internet.

PARA APROFUNDAR

- ADCARA (2006) *La Convivencia en los Centros educativos. Cuento Contigo. Módulo 2: La convivencia en la interculturalidad*, Anexo XII: Actividades de conocimiento, ADCARA, Departamento de Educación, Cultura y Deporte, Universidad de Zaragoza.
- ALBO, X. (2003) *Cultura, interculturalidad, inculturación*, colección 'Formación de Educadores Populares', Federação Internacional de Fé e Alegria: <http://www.feyalegria.org/es/biblioteca/folleto-4-cultura> <http://bit.ly/15Luv3G>
- AMODIO, E. (2003) *La globalización: formas, consecuencias y desafíos*, colección 'Formación de Educadores Populares', Federação Internacional de Fé e Alegria: <http://bit.ly/1wEJXoh>
- CARRERA I CARRERA, J. (2007) *Identidades para el siglo XXI, "Cristianismo y Justicia"*, Mayo/147, Barcelona: <http://www.cristianismeijusticia.net/files/es147.pdf>
- ENTRECULTURAS (2009) *Interculturalidad: claves para entendernos.*, Coleção 'Aulas que cambian el mundo', Madrid: <http://bit.ly/1wEFYb5>
- FINOCCHIO, S. y LEGARRALDE, M. (2003) *Pedagogía de la inclusión: Gestión pedagógica para equipos directivos*, colección 'Formación de Directivos', Federação Internacional de Fé e Alegria : <http://bit.ly/1HkNC5I>
- RUIZ VARELA, D. (2014) *Habilidades democráticas. Derecho a la educación y participación ciudadana*, Campaña Mundial por la Educación. Madrid: <http://www.cme-espana.org/publicaciones>
- UNESCO (2005) *Diversidad cultural. Materiales para la formación docente y el trabajo de aula*, Santiago de Chile: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001512/151226s.pdf>

Sobre os Direitos Humanos

- Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Derechos Humanos - ACNUDH (2004) ABC. *La enseñanza de los Derechos Humanos. Actividades prácticas para escuelas de primaria y secundaria*, Nueva York y Ginebra: <http://www.ohchr.org/Documents/Publications/ABCChapter1sp.pdf>
- ENTRECULTURAS (2013) *Remuévete. Actúa por la educación y los derechos humanos*. Unidades 1 e 2 Madrid: <http://bit.ly/1LINnH2> <http://bit.ly/1KbIME8>

- Consejo de Europa, INJUVE (2001) COMPASS. *Un manual de Educación en los Derechos Humanos con jóvenes*:
<http://www.injuve.es/sites/default/files/2013/04/publicaciones/Compass.pdf>

Vídeos sobre os Direitos Humanos:

- <http://youtu.be/mpuW5B1dwUE>
- <http://youtu.be/jwVNYTYTio8>

ETAPA 3. EM UMA HISTÓRIA QUE NOS UNE (A MOBILIDADE HUMANA E SUAS CAUSAS)

OBJETIVOS	COMPETÊNCIAS	VALORES E ATITUDES
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecer e valorizar as implicações da mobilidade humana, suas causas e suas consequências. ▪ Reconhecer, valorizar e se comprometer com os direitos das pessoas migrantes, refugiadas ou deslocadas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ É capaz de relacionar a informação sobre os fatos externos com as próprias emoções: implicação. ▪ Estrutura o conhecimento, gera ideias próprias e dialoga compartilhando as próprias experiências. ▪ Expressa pensamentos e opiniões sobre os temas de interesse pessoal, ligando o local com o global. ▪ Entende que existem muitos pontos de vista em torno de um fato ou uma notícia. ▪ Seleciona, utiliza e analisa a informação que recebe de diversas fontes (internet, televisão, rádio, imprensa...) de maneira reflexiva e crítica. ▪ Entende que é preciso procurar as causas além dos fatos (no caso das crianças em idade de ensino básico) ▪ Faz juízo de fatos e problemas sociais através de uma análise das diferentes causas e reflete sobre eles de maneira global e crítica (no caso de adolescentes e jovens). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Empatia: mostra interesse e sente dor pelo que acontece com as outras pessoas. ▪ Atitude crítica diante de todas as situações injustas e discriminatórias. ▪ Recusa aquilo que atenta contra os direitos fundamentais das pessoas. ▪ Solidariedade com as pessoas e as coletividades em situação de mobilidade. ▪ Respeito e valorização das ideias e opiniões das outras pessoas.

NOÇÕES CENTRAIS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mobilidade humana (migração, refúgio, deslocamento): Causas e consequências. ▪ Direitos das pessoas em situação de mobilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Análise e interpretação da informação partindo de diversas fontes. ▪ Definição dos termos: construção partilhada do conhecimento. ▪ Diálogo e debate em grupo. ▪ Formulação e reflexão sobre dilemas éticos. ▪ Elaboração de juízos de valor. ▪ Realização de um exercício de pesquisa (no caso de adolescentes e jovens). ▪ Realização de propostas de ação e participação em nível local e global. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhece que há relação entre a sociedade na qual vive e a vida das pessoas de outras partes do mundo. ▪ Distingue as situações, as razões, as dificuldades e as oportunidades que as pessoas em situação de mobilidade encontram. ▪ Identifica e recusa, partindo da análise de fatos reais ou figurados, as situações de discriminação ou abuso. ▪ Se compromete com ações de mudança e/ou solidariedade no entorno, especialmente com as pessoas em situação de mobilidade.

Nos guias se optou por escolher a noção geral de *mobilidade humana* para envolver todas as situações nas quais as pessoas se movimentam, com o fim de que o assunto não tenha um caráter técnico para crianças, adolescentes e jovens. No entanto, ao longo desta etapa assim como da próxima, é importante a facilitadora ou o facilitador apresentar e explicar as noções mais específicas de migração, deslocamento interno e refúgio.

Primeiramente, é importante que o assunto não pareça distante para conseguir movimentar as emoções e despertar o interesse em conhecê-lo. Por isso, a etapa propõe partir das histórias pessoais de mobilidade que tem acontecido ou acontecem entre as pessoas que nós conhecemos: familiares, parentes, vizinhos, etc. É possível muitos conhecerem alguma história de mobilidade (migração, deslocamento, refúgio), no entanto, também é possível coletar às testemunhas de outras pessoas do centro educativo, do bairro, ou até de personagens que estejam nas notícias e sejam mais ou menos famosos.

É preciso que cada participante reúna informações antes da atividade (respectivamente, no guia de ensino básico “Eu me movimento, você se movimenta... O mundo se movimenta” e no guia de ensino médio: “Eu me movimento, você se movimenta... O que é a mobilidade humana?” e “Causas e consequências da mobilidade humana”) e traga uma história detalhada o suficiente sobre o itinerário, o que aconteceu, como a pessoa se sentiu nos diferentes instantes, que desejos, dúvidas e adversidades viveu e como avançou. A rota de cada história vai ser desenhada em um grande mapa do mundo (que deve estar pronto antes da atividade seja em um mural, em umas cartolinas, etc.)

As histórias vão aproximar as e os participantes às diferentes realidades da mobilidade humana, vão mexer com os sentimentos e as emoções revelando a humanidade e a coragem que tantas pessoas tiveram na hora de se movimentar (seja por opção ou necessidade): é algo que tocou pessoas próximas e poderia me tocar a mim também. Além disso, será visto que o mundo está cruzado e interconectado através das rotas, dos sonhos e dos contatos que as pessoas estabelecem ao se movimentar, e que nenhum lugar ou pessoa é completamente estranha para mim. É oportuno reservar tempo para mencionar ou fazer hipóteses sobre as causas que impulsionam às pessoas para deixarem o lugar de origem. Finalmente, é preciso transmitir que em todas as épocas da história e em todas as partes do planeta, as pessoas se deslocaram ou migraram.

Existem diferentes *tipos de mobilidade humana*

- **Temporária ou permanente:** segundo o período de tempo que uma pessoa permaneça no lugar de destino;
- **Voluntária ou forçada:** dependendo se as pessoas são obrigadas, contra a vontade, a deixarem o lugar de origem por situações que ameaçam a própria vida, ou se movimentam por vontade própria em busca de uma qualidade de vida melhor (não sempre é fácil ou possível manter essa distinção)
- **Interna ou internacional:** Segundo o lugar de destino ser dentro ou fora do próprio país.

As *causas* dos movimentos humanos são diversas e em muitas ocasiões não são únicas.

- **Causas políticas:** condições políticas adversas que geram temor de perseguições, ou inclusive, ameaçam contra a própria vida.
- **Causas culturais ou religiosas:** o impedimento de viver com dignidade a própria tradição cultural ou religiosa é uma razão que leva muitas pessoas a mudarem o lugar de moradia.
- **Causas socioeconômicas:** a pobreza, a falta de acesso aos serviços sociais básicos e/ou a falta de oportunidades de trabalho são as principais causas das migrações. Impulsionam às pessoas a arriscarem a vida (e, infelizmente, inclusive a perdê-la) com o objetivo de encontrar uma vida digna, com melhores condições de trabalho, melhores condições educativas e de atenção sanitária, entre outros.
- **Causas bélicas e conflitos nacionais ou internacionais:** dão origem a deslocamentos massivos de população fugindo da violência, do extermínio ou da perseguição; constituem a fonte principal das migrações forçadas (população deslocada e refugiada)
- **Catástrofes naturais:** terremotos, alagamentos, secas, fome, etc. Também geram deslocamentos de população em busca de lugares mais seguros onde recomeçar a vida.

É recomendável explicar as noções específicas de pessoa migrante, deslocada e refugiada para as e os adolescentes e jovens. A primeira atividade da etapa 4 (“Do medo ou dos preconceitos...” no guia para o ensino médio) propõe as definições que são reproduzidas nesta seção. É importante o facilitador ou a facilitadora estejam familiarizados com esses conceitos e saibam explicá-los caso haja perguntas ou dúvidas.

AS PESSOAS MIGRANTES

A maioria das pessoas que mudam o lugar de moradia, o fazem dentro do próprio país; essa situação é denominada de MIGRAÇÃO INTERNA.

A migração gerada de um país para outro é denominada de MIGRAÇÃO EXTERNA OU INTERNACIONAL.

Em escala mundial, aproximadamente 740 milhões de pessoas são migrantes internos, enquanto que, aqueles que migram de um país para outro apenas superam 230 milhões (ONU, 2014); portanto, a migração interna é um fenômeno muito mais amplo do que a internacional. Além disso, é importante destacar que, daqueles migrantes internacionais, os quais superam 230 milhões, ao redor de 130 milhões se deslocam de uma nação do Sul para outra também no Sul do mundo, quer dizer, entre países da América Latina, da África e da Ásia; pelo qual, tem muitos fluxos de migração em diversas direções, não apenas do Sul para o Norte.

Esses números, comparados com as mais de 7 bilhões de pessoas que vivem no mundo, acabam sendo relativamente pequenos, em consequência, quando em alguns países falam de “invasão” trata-se, na maioria dos casos, de uma exageração.

AS PESSOAS DESLOCADAS

Quando pessoas são forçadas, contra a vontade, a abandonarem o lar e os bens porque estão sob ameaça de um conflito, de uma guerra, de uma situação de violência generalizada ou de um desastre natural, e não deixam o país de origem, mas se movimentam para outro lugar do mesmo, se fala de pessoas **DESLOCADAS INTERNAS**.

Apesar de estarem no próprio país, é frequente essas pessoas se sentirem renegadas por outros naquele lugar para onde fugiram, e repetidamente enfrentam argumentos parecidos com os que são usados contra as pessoas migrantes. Assim, por exemplo, são percebidas como “invasoras”, ou se duvida de que verdadeiramente tenham sido forçados a deixar tudo, ou se suspeita que estejam se aproveitando do problema no seu lugar de origem para obter algum benefício, ou que tenham alguma relação ou culpa pela violência da qual tem fugido. Portanto, a situação destas pessoas pode ser muito difícil.

A Colômbia tem a triste primazia de ser o país da América Latina com o maior número de pessoas deslocadas, rondando 5,7 milhões de pessoas, enquanto no mundo chegam a ser aproximadamente 33 milhões.

AS PESSOAS REFUGIADAS

Trata-se de pessoas que tiveram que deixar o país de origem por temor a serem perseguidas por motivos de raça, religião, opinião política, nacionalidade, pertença a um determinado grupo social ou orientação sexual; e que não podem voltar ao próprio país por causa desses perigos e ameaças.

Isso significa que o Estado onde nasceram aquelas pessoas, cujo papel deveria ser o de garantir a segurança de todas e todos os cidadãos, não está proporcionando proteção (por diferentes razões); portanto, as pessoas não encontram outro remédio além de abandonar o país, e já no estrangeiro, têm direito a pedir o que em termos técnicos é chamado de “proteção internacional”. Tal proteção está regulamentada por muitas leis internacionais estabelecidas entre os Estados, a principal das quais é a Convenção sobre o estatuto dos refugiados de 1951, aprovado em Genebra, na Suíça.

O cálculo é que, no mundo, o número de **PESSOAS REFUGIADAS** ronda 16,7 milhões. A Colômbia é o país que, na América Latina, gera o maior fluxo de pessoas refugiadas.

No caso de guerras ou de violência generalizada, as pessoas frequentemente fogem em direção do local seguro mais próximo, o qual significa atravessar a fronteira do próprio país e se instalar do outro lado, geralmente em condições muito precárias.

Na América Latina, devido à proximidade cultural entre os povos, muitas vezes as pessoas se inserem e dispersam em pequenos grupos nas comunidades rurais. Na África é mais frequente se criarem grandes acampamentos onde as pessoas moram até a situação mudar e possam retornar. Infelizmente, a vida nos campos de refugiados é muito difícil: o amontoamento afeta as condições sanitárias, pode ter escassez de comida e a mesma depende de provisão externa, também pode ter problemas de segurança. É comum os conflitos se prolongarem por anos, o qual significa que as pessoas refugiadas acabam forçadas a viver grandes períodos da vida em um campo.

“Um refugiado é alguém cujo passado foi destruído e cujo futuro está bloqueado: uma pessoa aparentemente sem passado, nem futuro” (Peter Balleis, Diretor Internacional do Serviço Jesuíta aos Refugiados)

Além de conhecer a variedade das causas da mobilidade humana, é importante reconhecer as *consequências*:

- **Os efeitos econômicos e sociais** no país de origem e de destino, entre outros: o envio e, frequentemente, dependência das remessas das e dos migrantes, o abandono dos povoados, a fuga de cérebros, os vazios geracionais na sociedade de origem porque as e os jovens foram embora, as mudanças no mercado de trabalho no país de destino;
- **As transformações culturais** tanto no país emissor quanto no receptor, por exemplo: os novos gêneros musicais criados pelas diásporas, as variações da linguagem (o spanglish nos EE UU) que demonstram a influência mútua entre as comunidades de origem e de destino;
- **As consequências pessoais e emocionais** positivas e negativas: o rompimento ou a recomposição familiar, a solidão, o desarraigamento cultural, mas também a superação pessoal e familiar, a obtenção de maior autonomia, etc.

Precisamente porque se apelou à humanidade compartilhada com todas as pessoas em situação de mobilidade, é claro que seus direitos devem ser reconhecidos tal e como deveria acontecer com todas as pessoas. Então, é ocasião de destacar que, infelizmente, as pessoas em situação de mobilidade estão em condições especiais de vulnerabilidade, fra-

queza ou desproteção porque, frequentemente, nenhum Estado quer assumir responsabilidade por elas: nem os países de origem (isso geralmente está entre as causas de saída das pessoas), nem os países que atravessam durante a viagem, nem os países de destino. Esses fatos acabam em grandes discriminações na hora de desfrutar dos direitos básicos como a integridade física, o acesso à documentação pessoal, o acesso aos serviços de saúde ou de educação, o trabalho em condições legais e dignas. É responsabilidade não apenas dos Estados garantir esses direitos, mas também da sociedade velar pelo cumprimento dos mesmos.

Nas atividades a seguir nesta etapa (no guia para ensino básico “Temos direitos!” e “O que cantam as crianças...”; e no guia para o ensino médio: “Temos direitos!”) se aborda o tema dos abusos contra as pessoas em situação de migração forçada e seus direitos. Partindo das histórias pessoais e dos casos concretos apresentados, se quer suscitar a análise sobre quais os direitos estão em jogo e como os mesmos estão sendo vulnerados. Não se trata de entrar no detalhe técnico ou legal dos casos, mas de gerar a compreensão de que a dignidade humana deve ser respeitada sempre, entender que é justo reclamar o cumprimento dos direitos humanos e que é bonito, assim como importante, se implicar em favor dos direitos das pessoas em situação de mobilidade.

A facilitadora ou o facilitador pode utilizar uma lista dos principais direitos humanos (conferir a lista da atividade “Temos direitos!” no guia para ensino médio e os curtos vídeos explicativos de cada um desses direitos aos quais a lista remete) para o grupo tiver uma compreensão e critérios comuns ao examinar os casos.

Além disso, é oportuno mencionar as organizações, os movimentos, ou as plataformas que trabalham no próprio país em favor das pessoas migrantes, refugiadas ou deslocadas, e apresentar o trabalho das mesmas para gerar interesse e para que a relevância social das questões tratadas seja vista. São assinaladas especialmente:

- O Serviço Jesuíta aos Refugiados América Latina e Caribe: www.sjrlac.org
- O Serviço Jesuíta aos Migrantes no Chile, México e na América Central:

<http://ciudadanoglobal.cl/>

<http://bit.ly/1ya9bMQ>

<http://www.sjme.org/red-sjm>

http://www.uca.edu.ni/sjm/que_hacemos.htm

<http://jesuitascam.org/servicio-jesuita-para-migrantes-costa-rica/>

PARA APROFUNDAR

- MARTINEZ PIZARRO, J. (ed.) (2008) *América Latina y el Caribe: migración internacional, derechos humanos y desarrollo*, CEPAL, Santiago de Chile: <http://bit.ly/1ya9kzZ>
- PNUD (2009) *Informe sobre Desarrollo Humanos 2009: Superando barreras, movilidad y desarrollo Humano*:
http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2009_es_complete.pdf
- Servicio Jesuita a Refugiados Latinoamérica y el Caribe (2014) *Mirada regional*:
https://www.sjrlac.org/Assets/Publications/File/Mirada_Regional%20web.pdf
- SUTCLIFFE, B. (1998) *Nacido en otra parte. Un ensayo sobre la migración internacional, el desarrollo y la equidad*, Hegoa, Bilbao:
<http://www.bantaba.ehu.es/obs/ocont/obsinter/doc/nacotrpar/>
- VV AA (2006) *Movimientos migratorios y multiculturalidad. Módulo 1. Movimientos migratorios: enfoques y evolución*, Junta de Andalucía, Sevilla. <http://bit.ly/15LybCA>
- VV AA (2011) *Cultura y migraciones. Propuestas didácticas para una mirada al mundo en movimiento*, Secretaría General de la OEI, Madrid.
<http://www.oei.es/idie/movimiento.pdf>

ETAPA 4. INDO PARA O ENCONTRO

OBJETIVOS	COMPETÊNCIAS	VALORES E ATITUDES
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Superar o preconceito, o desconhecimento e os medos gerados pela desconfiança, o repúdio ou a discriminação, e se abrir para o encontro e a hospitalidade. ▪ Definir atitudes e ações concretas para nos aproximar das pessoas migrantes, refugiadas ou deslocadas, e assim, viver a hospitalidade em nosso entorno. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhece a dimensão global dos fatos e dos conceitos trabalhados. ▪ Solicita e leva em conta as diferentes opiniões na hora de encarar uma mesma situação ou problema. ▪ Utiliza diversas estratégias para negociar e tomar decisões no grupo. ▪ Assume as decisões definidas no grupo. ▪ Se compromete a realizar, sozinho e/ou em equipe, ações para melhorar a realidade na qual vive. ▪ Sabe coordenar e colaborar com outras pessoas para realizarem ações em conjunto. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Empatia. ▪ Respeito pela diversidade. ▪ Solidariedade e compromisso com as pessoas migrantes, refugiadas e deslocadas. ▪ Interesse por conhecer as posições, as propostas e as atividades que pessoas e instituições realizam com vistas a resolver situações de injustiça. ▪ Generosidade. ▪ Acolhimento e hospitalidade.

NOÇÕES CENTRAIS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Os preconceitos e os estereótipos. ▪ A desconfiança e o medo. ▪ A valorização positiva ▪ O encontro. ▪ A hospitalidade. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Análise e avaliação das situações que afetam a dignidade das pessoas. ▪ Avaliação e verbalização das próprias emoções e experiências. ▪ Definição de termos. ▪ Realização de exercícios de pesquisa (no caso de adolescentes e jovens). ▪ Diálogo e debate em grupo. ▪ Negociação e definição de atividades de solidariedade e hospitalidade. ▪ Organização e realização de ações de solidariedade e hospitalidade. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Identifica e repudia, partindo da análise de fatos reais ou figurados, as situações de discriminação ou abuso contra pessoas migrantes, refugiadas ou deslocadas. ▪ Expressa empatia com as pessoas migrantes, refugiadas e deslocadas. ▪ Diante dos problemas, utiliza diferentes fontes de informação e/ou considera as diferentes posições e alternativas existentes. ▪ Sabe identificar as situações problemáticas e as necessidades do ambiente mais próximo. ▪ Desenvolve atitudes e compromissos concretos que contribuem para a melhoria do entorno. ▪ Apoia e participa em ações de mudança ou solidariedade no entorno, especialmente com as pessoas em situação de mobilidade.

Nesta última etapa do caminho para a hospitalidade, se propõe avançar para as atitudes de empatia, acolhimento, confiança e hospitalidade (as quais geram compromisso com as outras pessoas), partindo do desconhecimento e/ou preconceito, atitudes de medo, desconfiança ou repúdio.

Na primeira atividade da etapa (no guia para ensino básico: “Terminemos com a rivalidade, a desconfiança e o medo. Na hospitalidade, todos e todas fazemos parte do jogo” e no guia para ensino médio: “Do medo ou dos preconceitos...”) se propõe abordar os preconceitos, os medos e a desconfiança dos outros que existe na sociedade, e também dentro de cada pessoa; especialmente se os demais provêm de diferentes culturas ou países. É importante aprender a reconhecer algumas dessas atitudes em nós mesmos, sem censura, para nos dar conta que são daninhas e assim, conseguir modificá-las.

Com as e os mais velhos se propõe analisar as generalizações, as opiniões superficiais e os preconceitos que circulam em nosso entorno: em nossa família, entre os vizinhos e na rua, na escola, na paróquia ou na comunidade, na televisão, nos jornais ou na rádio. Os preconceitos e os medos são alimentados pelas informações distorcidas, os rumores e o desconhecimento. Para serem superados, é preciso fazer análise e reflexão crítica.

Como regra geral, é bom desconfiar das frases que começam com “Os cubanos são...”, “Todas as venezuelanas fazem...”, “Os colombianos pensam...”: trata-se de generalizações que negam as diferenças reais e tentam justificar, sob uma suposta uniformidade, uma valoração ou uma opinião que não tem fundamento. Também, é bom estar sempre alerta com as frases que iniciam com “Eu não sou racista, mas a verdade é que os negros, ou os migrantes...”, “Eu não sou machista, mas as mulheres...”: é muito provável que o que vem após esse começo seja, precisamente, um comentário racista ou machista que tenta ser dissimulado sob aquela aparente negação inicial. É preciso prestar atenção àqueles indícios que dissimulam preconceitos, generalizações, racismo, discriminação, etc. Com o fim de desmontá-los e criticá-los; pois eles distorcem a realidade e atrapalham as atitudes de empatia, acolhimento e hospitalidade.

Combater aqueles tópicos, os preconceitos ou os medos é uma tarefa de todos e todas, e para isto devemos conhecê-los e descobrir quais são aqueles que existem em nosso entorno e quais interesses ou desconhecimento eles escondem. É preciso aprender a falar com propriedade e sem generalizações para não deformar a realidade e assim respeitar os direitos de todas as pessoas.

Na seção “para aprofundar” desta etapa, está indicado o caderninho *Invasores o Ciudadanos* (invasores ou cidadãos), que examina algumas questões sobre as pessoas migrantes, que podem ser adaptadas à realidade do país no qual nós estejamos. Também se indica o guia *Frena el rumor* (Freia o rumor), que oferece passos para analisar os medos e as desconfianças.

O segundo passo desta etapa é celebrar a hospitalidade (no guia para ensino básico a atividade: “Vamos celebrar a festa da hospitalidade” e no guia para ensino médio, a atividade: “... à hospitalidade”). É ocasião de retomar as histórias, as testemunhas e os casos que foram apresentados na etapa 3 e no início desta etapa, para reconhecer a coragem, a dignidade e a vulnerabilidade das pessoas migrantes, refugiadas ou deslocadas, e assim suscitar a empatia:

“A empatia é a capacidade de nos colocar no lugar das outras pessoas, de saber quais são as emoções que elas estão sentindo. Se desenvolvermos a nossa capacidade empática, nós iremos adquirir grande habilidade para “estarmos conscientes”, para reconhecer e valorizar os sentimentos dos outros. **A empatia, assim, concebe a capacidade de “ler” emocionalmente às pessoas**, como se as emoções dos outros ressoassem em nós. Sentimos quais são os sentimentos do outro, a intensidade e suas causas. Assim também, implica mostrar que **nos responsabilizamos**, que tomamos consciência, reconhecemos e valorizamos o impacto que produz em uma pessoa ou grupo de pessoas um problema, os apertos que estão atravessando, a vulnerabilidade, ou a tristeza...”

María Araujo, P. *Habilidades democráticas, capacidades sociales y afectivas* (Habilidades democráticas, capacidades sociais e afetivas).

A empatia com a outra pessoa não significa que eu deva concordar com tudo que ela diz ou faz, nem que me rendo à sua vontade, mas que reconheço a dignidade humana dessa pessoa, e por isso, me comprometo a buscar caminhos de respeito mútuo diante das diferenças. Isto é a base para uma aproximação que permita se conhecer em profundidade.

O desenvolvimento da empatia é fundamental para chegar à última fase do nosso caminho: a solidariedade e o compromisso com as outras pessoas (atividade “Vamos continuar agindo” no guia para ensino básico e “O que podemos fazer?” para ensino médio). A empatia facilita as atitudes solidárias, a tolerância, o respeito, o acolhimento, o altruísmo e a hospitalidade. É preciso cuidar para que o assunto da empatia não gere ansiedade, culpa ou impotência, respeitando os tempos e o processo de maturidade de cada pessoa, já que se for percebido como uma exigência ou uma imposição, poderia gerar atitudes de repúdio ou de afastamento ao invés de atitudes de compromisso e proximidade.

Por isso, na atividade final, onde se identifica uma ação hospitaleira em favor das pessoas migrantes, refugiadas ou deslocadas, é importante ajudar às crianças, adolescentes e jovens a se tornar conscientes de até onde podem chegar ou o que podem fazer, reconhecendo seus limites; mas, também o valor das próprias ações no marco de transformações mais globais. Sensibilizar o ambiente mais próximo acerca das realidades da injustiça e fazer propostas concretas de mudança na própria aula e/ou centro educativo ou bairro, permite descobrir que a mudança sim é possível, e que cada pessoa é responsável de fomentar a cultura da hospitalidade ali onde se encontrar.

Ambos os guias propõem um esquema concreto para identificar e organizar uma ação de hospitalidade e solidariedade que detalha os objetivos, os recursos necessários, os tempos, etc. Depois de levá-la a cabo, se recomenda dedicar um espaço e tempo para a avaliação da experiência de maneira pessoal e em grupo, e avaliar também se é possível, e como, continuá-la e/ou repeti-la. O compromisso com a hospitalidade não deve ser reduzido em apenas uma atividade pontual: se trata, melhor, de começar a gostar dela através de pequenas experiências para que possa aflorar em cada pessoa e assim se tornar, aos poucos, numa responsabilidade permanente.

PARA APROFUNDAR

- BOFF, L. (2006) *Virtudes para otro mundo posible. I. Hospitalidad: derecho y deber de todos*, Sal Terrae, Santander.
- CAMPESE, G. (2008) *Hacia una teología desde la realidad de las migraciones*, Cátedra Eusebio Francisco Kino SJ, México: <http://bit.ly/1v9YgY4>
- Dirección de Inmigración y Gestión de la Diversidad del Gobierno Vasco (2012) *Frena el rumor. Guía prácticas para combatir los rumores, los estereotipos y los prejuicios hacia la inmigración*: <http://www.frenaelrumor.org/data/files/pdfs/guia-frenaelrumor.pdf>
- ENTRECULTURAS (2014) *Educación, violencia y conflictos armados*, Madrid: <http://bit.ly/1tyLaIX>
- MARÍA ARAUJO, P. (2014) *Habilidades democráticas. Capacidades sociales y afectivas*. Campaña Mundial por la Educación, Madrid: <http://www.cme-espana.org/publicaciones>
- Servicio Jesuita a Migrantes España (SJM-España) (2011) *Superar fronteras*: <http://www.sjme.org/sjme/item/684-superar-fronteras>
- Servicio Jesuita a Migrantes España (SJM-España) (2008) *Invasores o ciudadanos*, em: "Cristianismo y Justicia" Enero/152, Barcelona: <http://www.cristianismeijusticia.net/files/es152.pdf>
- Servicio Jesuita a Refugiados - Europa (JRS- Europe) (2013) *Vidas en tránsito. Experiencias de migrantes que viven en Marruecos y Argelia*: <http://www.sjme.org/sjme/item/753-vidas-en-transito>

Documentos e recursos da Campanha Pela Hospitalidade

Documento inspiracional: "Fui extranjero y me acogiste" (2014): <http://bit.ly/1ChyFOP>

Declaración del lanzamiento (19/01/2014): "Por una cultura de la hospitalidad" <http://bit.ly/1LIORB9>

Declaración del 20/06/2014 (Día Internacional del Refugiado): "Toma partido por las y los refugiados": <http://bit.ly/1tyLHo1>

Declaración del 18/12/2014 (Día Internacional del Migrante): "Migrar construye un mundo diferente: Por la hospitalidad y los derechos de las y los migrantes":
<http://bit.ly/1uFt0dv>

Taller educativo sobre hospitalidad:
<http://bit.ly/1BuCR8D>

Canción "Migrar":
<http://youtu.be/emOKdfY1INo>

Videos "Navidad es Hospitalidad"
<http://bit.ly/1tyKEEA>

Videos: "En los vagones de la vergüenza"
<http://youtu.be/KX8TULZNhFc>
<http://youtu.be/NQNGaAR-b3w>

